

# **A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR DE SALA DE AULA E DO INTERPRETE DE LIBRAS PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DO ALUNO SURDO**

Julya Carneiro Mesquita de Lima (1); Ana Cristina Silva Soares (Orientadora)

*(1) Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Curso Pedagogia, [julyalima@hotmail.com](mailto:julyalima@hotmail.com); Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Curso Pedagogia, [acsilvasoares@gmail.com](mailto:acsilvasoares@gmail.com)*

## **RESUMO**

Este artigo surge de um Trabalho de Conclusão de Curso, o qual propõe identificar os desafios enfrentados pelas pessoas surdas ao passar dos anos, a partir de um breve percurso histórico e conceitual da surdez. Para isto, tem como objetivo principal analisar as contribuições do professor regente da sala de aula e do intérprete de LIBRAS para o aluno surdo na perspectiva da educação inclusiva. Destacando a importância do conhecimento por meio do professor regente de conhecer e entender a cultura e comunidade surda na qual esse aluno se insere, bem como perceber a importância do intérprete de Libras nesse processo de construção do conhecimento. Esse estudo busca ressaltar também a importância das práticas pedagógicas realizadas por professores regentes e intérpretes de Libras com o intuito de incluir alunos surdos em salas de aula idealizadas para alunos ouvintes. Para o embasamento teórico desse trabalho foram estudados vários autores, dentre eles Duarte (2013), Figueira (2011), Quadros (2003), Zanata (2004). Considerando os estudos realizados, optamos pela abordagem qualitativa descritiva, onde a mesma buscou identificar a realidade de uma Escola da Rede Municipal da cidade de Itapajé – CE. A coleta de dados foi realizada através de uma pesquisa qualitativa descritiva, em que se realizou entrevista semiestruturada. Desse modo, concluímos que apesar de todas as melhorias e pesquisas voltadas a esse público, a inclusão desses alunos ainda é um desafio, existindo ainda um déficit em relação à literatura e as práticas utilizadas para o trato desses alunos para que os mesmos consigam usufruir de uma aprendizagem significativa.

**Palavras-chave:** Surdez. Aprendizagem Significativa. Educação Inclusiva.

## INTRODUÇÃO

Dentro da perspectiva da educação inclusiva nos últimos anos, o número de crianças surdas frequentando o ensino regular público e privado tem aumentado. Assim, a educação inclusiva surge como uma educação voltada para todos, que visará o bem estar dos alunos, buscando capacitá-los dentro de suas especificidades, potencializando seus pontos fortes e valorizando a diferença de cada um.

Este artigo surge de um Trabalho de Conclusão de Curso, o qual propõe identificar os desafios enfrentados pelas pessoas surdas ao passar dos anos, a partir de um breve percurso histórico e conceitual da surdez. O objetivo principal este trabalho é analisar as contribuições do professor regente da sala de aula e do intérprete de LIBRAS para o aluno surdo na perspectiva da educação inclusiva. Considerando os estudos realizados, optamos pela abordagem qualitativa descritiva, onde a mesma buscou identificar a realidade de uma Escola da Rede Municipal da cidade de Itapajé, do Estado do Ceará.

A pessoa surda geralmente é aquela que tem total inexistência de sua audição, ou seja, é aquela pessoa que não escuta nenhum tipo de som ou ruído. Porém, existem pessoas parcialmente surdas que escutam alguns poucos sons e pequenos ruídos.

Este trabalho surge com o interesse de entender melhor o papel do professor e do intérprete para a aprendizagem e socialização de crianças surdas no ambiente escolar, levantando os seguintes questionamentos: De que forma o professor dos anos iniciais pode contribuir para a aprendizagem significativa do aluno surdo? Qual é a formação do Intérprete de LIBRAS em cursos de licenciatura no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo? Quais as possibilidades do trabalho pedagógico do contexto da educação inclusiva?

### **Da deficiência auditiva à surdez: buscando campos e aspectos históricos**

Para o campo médico, a perda auditiva pode ser explicada por algum fator genético ou doença. Segundo Cardoso (2006), consideram-se surdas as pessoas com surdez severa, definidas como aquelas que conseguem apenas realizar a identificação de pequenos ruídos, ou com surdez profunda, ou seja, seria uma perda auditiva total, incapacitando que a pessoa ouça sons considerados altos, como o de uma britadeira, por exemplo.

Além da surdez severa e profunda, podemos citar a surdez leve e moderada. Respectivamente pode ser definida pela capacidade do indivíduo de conseguir ouvir sons, mesmo que essa sonoridade não seja completa, ou seja, é aquela que ao ouvir uma palavra à pessoa não consegue perceber todos os fonemas presentes. Na surdez moderada a pessoa geralmente faz uso do aparelho auditivo e de acompanhamentos com o fonoaudiólogo para uma melhor comunicação e aprendizagem.

Existe um grande questionamento em relação à nomenclatura a ser utilizada, se seria surdez ou deficiente auditivo. Em alguns casos as duas definições podem ser tratadas como sinônimos, referindo-se a qualquer forma de perda auditiva. Porém, existe outra definição que trata com distinção a surdez da deficiência auditiva. Bisol e Valentini (2011, p.1) definem que:

Uma compreensão da surdez baseada em uma perspectiva histórica e cultural enfatiza diferentes modos de vivenciar as diferenças de audição. Os surdos, ou Surdos com letra maiúscula, como proposto por alguns autores, são pessoas que não se consideram deficientes, utilizam uma língua de sinais, valorizam sua história, arte e literatura e propõem uma pedagogia própria para a educação das crianças surdas. Os deficientes auditivos seriam as pessoas que não se identificam com a cultura e a comunidade surda. (BISOL; VALENTINI, 2011, p.1)

Entende-se assim, pelo campo social, que o surdo ao se comunicar através da linguagem gestual e considerar-se dentro de uma cultura surda, não se identifica e nem gosta de ser chamado de deficiente auditivo. Não se trata apenas de como o surdo venha a ser chamado, mas de toda a identidade que ele tem constituída. Segundo Bisol e Valentini (2011), o surdo dificilmente passará por despercebido devido à comunicação feita por meio de sinais, enquanto aquele que se autodeclara deficiente auditivo, será reconhecido por meio de aparelhos ou próteses auditivas e a dificuldade apresentada no momento da fala.

O surdo por meio da língua de sinais aprenderá os conceitos de sua comunidade, integrando-os a sua personalidade, sua forma de agir e enxergar o mundo em que vive. Já a língua predominante do seu país, no caso do Brasil a Língua Portuguesa, levará o indivíduo a desenvolver seus aspectos cognitivos, linguísticos, facilitando assim também sua comunicação com pessoas ouvintes.

Duarte (2013) cita em seus escritos que com o passar do tempo essa realidade foi revista e aqueles que antes eram excluídos passaram a ser considerados cidadãos, mesmo dentro de uma perspectiva assistencial exclusiva. A cultura surda que foi se desenvolvendo ao longo dos séculos tem como característica principal à forma de comunicação sinalizada, modelo cultural que

se diferencia da comunidade ouvinte. Devido à cultura ouvinte, o surdo se constitui dentro de um espaço social, no qual se percebe diferente dos demais, onde sofrem preconceitos devidos os estereótipos formulados por essa comunidade, taxando-os de deficientes e incapazes.

Entende-se a cultura surda como a identidade cultural de grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos. Essa cultura é multifacetada, mas apresenta características que são específicas, ela é visual, ela traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes. (QUADROS, 2003, p.4).

Essa cultura possui suas características variadas e peculiares, representando um conjunto de direitos coletivos de um grupo. A cultura representa importante papel no processo de socialização do indivíduo, realizada através da comunicação. A criança surda sofre nesse processo, devido está inserida em meio predominante ouvinte, onde por muitas vezes não responde a estímulos e não se comunica com os demais.

Em sua totalidade essa comunidade surda, integra também em seu convívio pessoas ouvintes que se relacionam ou tenham interesses em comum com essa comunidade. Assim, a socialização do surdo é de responsabilidade da família, que deve buscar conhecer e inserir o surdo o mais cedo possível dentro de sua cultura.

Algo a ser entendido dentro dessa realidade é que comunidade e cultura surda são dois conceitos distintos. A comunidade surda integra todos aqueles de algum modo se relacionam com pessoas surdas. Enquanto a cultura surda estar relacionada às crenças, atitudes, histórias e valores que os surdos aprendem e desenvolvem no decorrer de suas vidas. Essa cultura pode ser compartilhada com as demais pessoas que convivem com os surdos. Assim entendemos segundo os estudos de Figueira (2011), que cada comunidade surda é um grupo cultural, devido à troca de experiências e aprendizados entre o surdo, outros surdos e ouvintes que o rodeiam.

De acordo com os estudos de Zanata (2004), o processo de adaptação do aluno surdo, vem tomando espaço na sociedade desde o século XX, porém mudaram-se as prioridades, inicialmente a intenção era que o surdo se adaptasse ao ambiente educacional, atualmente, a perspectiva é que esse meio se adapte ao aluno.

Isso só ocorrerá se existir uma intencionalidade por parte do professor, onde o mesmo deve planejar suas aulas de modo que as especificidades de todos os alunos sejam levadas em consideração, isso sem exclusão do aluno surdo. Poucos são os estudos encontrados que destaquem quais métodos devem ser utilizados para o

trabalho com esses alunos. Em sua maioria, apresentam apenas que o professor deve ser crítico e reflexivo, atuando dentro das possibilidades do aluno. Zanata (2004) relata em sua pesquisa que existe uma gama de estratégias de ensino que podem vir a serem trabalhadas. Porém, as maiorias dessas estratégias não estão voltadas para o aluno surdo. Na maioria das vezes, deve partir do professor, analisando as possibilidades, verificando em quais delas os alunos se adaptam melhor, a fim de que consigam formular seu aprendizado.

É importante que o professor esteja disposto a inserir verdadeiramente esse aluno, pois para que essa inclusão ocorra o mesmo deve buscar alternativas que estão fora dos muros da escola, como a aprendizagem de uma nova língua e o conhecimento e interação com a comunidade surda.

Voltando agora a inclusão para os alunos surdos, existem salas de Atendimento Educacional Especializado – AEE, onde os alunos surdos terão as aulas no ensino regular juntamente com os alunos ouvintes e existirá um apoio e estímulo extra.

Segundo Damázio (2007) O planejamento do AEE acontece de forma conjunta, entre professores que ministram a aula de Libras, professores regentes de turma e professores de Língua Portuguesa para pessoas com surdez. No caso da aula de Libras deve haver um aprofundamento no estudo dessa língua para o aprofundamento do vocabulário. Em seguida, todos os professores em parceria escolhem os recursos usados que serão utilizados nos momentos de atendimento no AEE, respeitando as especificidades do aluno com surdez e o momento em que os mesmos serão utilizados.

Percebe-se assim a importância do Atendimento Educacional Especializado para os alunos surdos, pois o momento em que esses estão nesse ambiente ocorre além de dinâmica e distração a construção do aprendizado. Esse atendimento deve ocorrer de modo didático e com a interação de todos os profissionais citados para que ocorra e tenha um resultado satisfatório.

### **O Fazer Pedagógico para inserção de alunos surdos na Sala de Aula**

A prática pedagógica surge com a intenção de qualificar a ação docente, onde essa surja de modo efetivo para um bom aprendizado.

As práticas pedagógicas incluem desde planejar e sistematizar a dinâmica dos processos de aprendizagem até caminhar no meio de processos que ocorrem para além dela, de forma a garantir o ensino de conteúdos e de atividades que são considerados fundamentais para aquele estágio de formação do aluno, e, através desse processo, criar nos alunos mecanismos de mobilização de seus

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

saberes anteriores construídos em outros espaços educativos. (FRANCO, 2015, p.608)

Essas práticas exigem do professor um uso diferenciado e significativo de sua práxis, para que os mesmos possam perceber as diversas realidades existentes entre seus alunos dentro de uma sala. Esse processo busca sistematizar o conhecimento de forma que o que for repassado seja significativo e usual para além do momento atual vivenciado pelo aluno

Dentro dessa perspectiva podemos citar Paulo Freire, que acredita dentro de seus estudos, que a prática pedagógica irá evidenciar o conhecimento, fazendo que a cada dinâmica e momento de aula o aluno renove seus saberes. Diante disto Freire (1996, p.14) afirma que:

Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. (FREIRE, 1996, p. 14)

Assim, nota-se a importância da prática pedagógica se relacionar a realidade do aluno, percebendo desse modo à importância da ação do pedagogo, fomentada a partir de sua formação, onde o mesmo deve trazer consigo métodos eficazes para o desenvolvimento de suas aulas, partindo do desenvolver do pensamento do aluno para que o mesmo formule seu aprendizado.

Relacionando a ação pedagógica que deve ocorrer nas escolas regulares, trazemos a temática voltada a uma perspectiva que trabalhe pedagogicamente com o aluno surdo. Um professor ao receber um aluno com surdez tem a mesma responsabilidade de receber um aluno ouvinte, já que ele terá que desenvolver nesse aluno a capacidade da construção do conhecimento. Porém, esse aluno exigirá um pouco mais do professor, já que o mesmo deverá se encaixar a rotina preexistente dos alunos ouvinte, cultura essa, diferente da sua. Assim nota-se a importância do Interprete de Libras nesse processo que mediará à relação Professor Regente e aluno facilitando assim o repasse de conhecimentos, levando a uma adaptação mútua.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa é de cunho descritivo e abordagem qualitativa, levanta questionamentos sobre a realidade existente em uma escola pública do município de Itapajé, no Estado do Ceará, que tem entre seus alunos dois surdos, e são acompanhados por interpretes de LIBRAS. O objetivo principal é analisar as contribuições do professor regente da sala de aula e do intérprete de LIBRAS para o aluno surdo na perspectiva da educação inclusiva.

Para desenvolver esta pesquisa, a coleta de dados partiu de uma entrevista semiestruturada onde os entrevistados puderam agir com naturalidade, os dados foram gravados, para análise posterior.

Este tipo de entrevista é o menos estruturado possível e só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados. O que se pretende com entrevistas deste tipo é a obtenção de uma visão geral do problema pesquisado, bem como a identificação de alguns aspectos da personalidade do entrevistado. (GIL, 2008, p.112).

A entrevista se deu após uma conversa informal com os entrevistados. O núcleo gestor solicitou que o nome dos entrevistados e o da instituição não fosse mencionado no trabalho, sabendo assim desse pedido, os entrevistados se sentiram mais a vontade no momento de responder as perguntas. Os participantes escolhidos foram dois professores regentes de sala e dois professores interpretes de LIBRAS, atuantes em uma escola pública do município de Itapajé.

Os primeiros entrevistados foram um professor de Matemática e o Interpretete de LIBRAS que é habilitado com cursos profissionais em LIBRAS e acadêmico de Pedagogia e Letras-LIBRAS, ambos acompanham um aluno surdo matriculado no 6º ano. As entrevistas ocorreram separadamente com cada um dos entrevistados.

Após realizou-se a entrevista com um professor de Geografia, também formada em Pedagogia e após um Interpretete de LIBRAS, que além dos cursos profissionais para atuação como interprete é licenciado em Pedagogia, ambos acompanham um aluno surdo matriculado no 7º ano.

## **RESULTADOS E DISCUSÃO**

Destacaremos nesse trabalho algumas das perguntas realizadas na entrevista com os professores; em que, as mesmas visam entender como ocorrer a inclusão de alunos surdos nas Escolas de Ensino Regular e qual o papel do professor de sala de aula e do interprete de Libras nesse processo.

A primeira pergunta leva os entrevistados, a questionarem se consideram que sua formação lhe direciona para o trabalho de Educação Especial ou Inclusão.

Professora A: Pouco, pois existe uma grande dificuldade, pois o curso não oferta disciplinas voltada para educação especial. A disciplina que ainda é ofertada é a LIBRAS, com uma carga horaria de 60hs que não é o suficiente, para ministrar uma aula para alunos surdos. Outras disciplinas direcionam dentro da

disciplina para a educação especial, mas não é um foco tão grande.

Professor B: Não considero. Tivemos uma disciplina, a disciplina de LIBRAS, porém com uma carga horaria mínima diante dos desafios enfrentados para ministrar uma aula para alunos surdos. Tive outras disciplinas que mencionaram a educação especial e a inclusão, mas algo bem superficial.

Observando os dois relatos, pode-se perceber, o quanto é precário os estudos voltados à educação especial e inclusão nos cursos de licenciatura. Sendo obrigatória por lei a disciplina de LIBRAS nessas graduações. Essa Lei foi regulamentada por meio do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

Art. 9º Paragrafo único. O processo de Inclusão da LIBRAS como disciplina curricular deve iniciar-se nos cursos de Educação Especial, Fonoaudiologia, Pedagogia e Letras, ampliando progressivamente para as demais licenciaturas. (BRASIL, 2005)

Com a inclusão dessa lei, nota-se o quanto é importante à propagação da língua de sinais, nos cursos de nível superior, essencialmente nos cursos de licenciatura, já que os professores irão trabalhar diretamente com alunos surdos. Porém, diante dos profissionais da educação entrevistados, vemos o quanto essa lei ainda está aquém das possibilidades, pois esses profissionais não se sentem aptos a trabalhar com esses alunos, mesmo após cursar essa disciplina no seu período de formação. Relatam que o tempo da disciplina não é suficiente para um aprendizado significativo que possam levá-los a transmitir suas disciplinas através da língua de sinais.

A segunda refere-se ao que ambos entendem como surdez.

Professor A: A surdez é entendida em seus vários níveis, da surdez moderada a mais agressiva, onde quem é considerado surdo não consegue identificar quase nenhum som, apenas as vibrações, não sendo capaz de identificar pequenos sons.

Professor B: A surdez acontece quando a pessoa não consegue escutar sons, e conseqüentemente como ela não escuta, não fala, com isso o aluno acaba precisando da LIBRAS para se comunicar com as demais pessoas. (PROFESSOR A; PROFESSOR B)

De acordo com o relato dos dois professores, nota-se que ambos têm uma pequena noção sobre o que é a surdez. A fala do professor B destaca que o aluno surdo não fala por não conseguir ouvir, com base nisso Quadros (2004. p.9) relata que:

A surdez consubstancia experiências visuais do mundo. Do ponto de vista clinico comumente se caracteriza a surdez pela diminuição da acuidade e percepção auditivas que dificulta a aquisição da linguagem oral de forma natural. (Quadros, 2004, p.9)

O conhecimento sobre essa especificidade é de fundamental importância, já que ambos trabalham com alunos surdos. Conhecer essa realidade proporciona ao professor conhecer técnicas que o leve a administrar seu conteúdo de modo que o mesmo seja satisfatório tanto para os ouvintes quanto para os surdos.

A terceira pergunta leva o professor a refletir como foi o momento que soube da presença de um aluno surdo em sua sala de aula. A seguir as respostas dos professores:

Professor A: Soube desde a semana pedagógica, não sendo uma surpresa trabalhar com um aluno surdo, pois o mesmo já foi meu aluno no ano passado, foi uma oportunidade de conhecer o mundo do surdo, me aprimorando como educadora na LIBRAS e devido a presença do interprete desde o inicio das atividades não tive maiores dificuldades.

Professor B: Soube no planejamento pedagógico, havia sido professora do mesmo aluno no ano anterior. Minha primeira reação quando soube da presença de um aluno surdo em minha sala foi perguntar se o mesmo tinha interprete, já que não tenho cursos nem conhecimentos específicos para trabalhar com eles, mas quando disseram que tinham, fiquei mais tranquila. (PROFESSOR A; PROFESSOR B)

Para os dois professores não foi uma surpresa trabalhar com alunos surdos nesse ano, pois os mesmos já estão matriculados na escola desde o ano anterior. Nota-se na fala do professor A que o mesmo se preocupou em conhecer um pouco sobre a realidade do aluno com quem iria trabalhar, enquanto o Professor B confiou no trabalho do Interprete para que sua aula pudesse ser significativa para esse aluno, onde o mesmo relata falta de conhecimento para o trabalho com alunos surdos.

A primeira pergunta diz respeito à formação dos interpretes, assim como foi à primeira pergunta voltada a formação dos professores. O interprete A relata ter dois cursos profissionais de Libras, bem como a faculdade de Pedagogia e de Letras-Libras em andamento, enquanto o interprete B contém um curso profissional de Libras e é licenciado em Pedagogia. A seguir, iniciemos as transcrições voltadas às perguntas e respostas dos interpretes mencionados:

Os interpretes também foram questionados sobre o que entendem sobre surdez.

Interprete A; Pessoas tem como a deficiência, eu tenho como uma habilidade. Pois mesmo com a dificuldade eles conseguem se superar, mostrando que para eles não é uma deficiência, que eles podem agir e viver normalmente.

Interprete B: No momento em que a pessoa que nasceu com o problema auditivo se identifica com a cultura surda, vive e interage dentro dessa cultura, ele passa a ser surdo, isso

é a surdez, não caracterizando exatamente uma deficiência.

Ambos os interpretes não consideram a surdez como uma deficiência, eles já tem um olhar mais evoluído em relação a essa temática, compreendem assim como foi citado no primeiro capítulo desse trabalho, que os surdos que se identificam com a cultura surda não se considera deficiente; O que diz os autores:

Na área da surdez encontra-se geralmente o termo “cultura” como referência à língua (de sinais), às estratégias sociais e aos mecanismos compensatórios que os surdos realizam para agir no/sobre o mundo, como o despertador que vibra, a campainha que aciona a luz, o uso de fax em vez de telefone, o tipo de piada que se conta etc. (SANTANA; BERGAMO, 2005. p.572)

Os surdos têm uma cultura própria, e é de fundamental importância que os mesmos se identifiquem com ela para que consigam por meio da interação com outros surdos trocar saberes e adquirir novos conhecimentos, sendo eles voltados a língua de sinais ou a outros diversos assuntos.

Após levantou-se o questionamento de como o interprete descreve o processo de inclusão em salas de aulas idealizadas para alunos ouvinte.

Interprete A: É um desafio, sempre foi e incluir o surdo em meio a ouvintes sempre será um desafio, mas quando a gente tem o apoio do professor, é possível ter um momento de reflexão com os alunos onde eles possam entender os alunos surdos havendo assim uma boa relação entre todos.

Interprete B: Os professores e coordenadores, tentam incluir esse aluno surdo com os alunos ouvintes, mas é difícil, são culturas diferentes, comportamento diferentes e por eles serem minoria, acabam que não recebendo o acompanhamento adequado. É algo que ainda precisa ser revisto, para que de fato o aluno surdo se sinta incluído dentro dessa sala de aula.

A sala de aula é idealizada para os ouvintes e a presença de um aluno surdo é um desafio, assim como foi mencionado na fala dos interpretes. Percebe-se que o surdo é o diferente, é aquele que tem que se adaptar, porém a adaptação deve partir dos dois lados, tanto dos surdos como dos ouvintes para que a interação entre os colegas e com os professores ocorra, para que ambos os alunos sintam se incluídos na sala, e não apenas nela, mas em todo o processo de ensino e aprendizagem.

Acredito, segundo os relatos, que esse seja um dos aspectos mais difíceis, já que toda a sala e a aula é planejada visando o aprendizado do aluno ouvinte, assim no momento que se descobre a presença do surdo na sala de aula, deve

haver uma mudança de pensamento e de planejamento por parte do professor, para que o que for pensado e trabalhado não envolva apenas a maioria, ou seja, os ouvintes, mas que venha a ser significativo a todos os alunos.

Com o relato dos entrevistados, professores e interpretes, percebe-se que mesmo com a presença de alunos surdos e interpretes de Libras, a inclusão ainda está longe de acontecer da forma adequada. Necessita-se de uma atenção maior da escola para com este aluno, dando o suporte necessário, preparando os professores para o trabalho com esses alunos, dando voz aos interpretes no momento de elaboração e planejamento das aulas. O trabalho compartilhado entre todos os profissionais facilitará esse processo e levará o aluno a compreender melhor os conteúdos, tornando o seu aprendizado relevante para sua vida.

## **CONCLUSÃO**

O referido trabalho é fruto de uma pesquisa qualitativa descritiva, que após estudos teóricos, teve como objetivo principal analisar as contribuições do professor regente da sala de aula e do intérprete de LIBRAS para o aluno surdo na perspectiva da educação inclusiva, sendo contemplado em vários momentos do estudo.

Após as análises realizadas referentes as metodologias que devem ser utilizadas em sala por professores e interpretes de LIBRAS, nota-se que a literatura não é clara em relação a isso. Os autores abordam que devem existir métodos de trabalho de modo pedagógico para que esses alunos aprendam, porém esses não são especificados, dificultando assim a realidade de professores regentes que se deparam com alunos surdos em suas turmas.

Baseando-se nos estudos e com a análise da entrevista semiestruturada realizada, pode-se perceber quão precário é a inclusão desses alunos. Os professores entrevistados relatam que não existe uma preparação adequada em sua formação de nível superior para o trabalho com esses alunos. De acordo com os relatos, percebe-se que na maioria das vezes, os mesmos se apoiam na presença do interprete de LIBRAS sem buscar mudar sua metodologia de ensino.

Com este estudo pude perceber que conhecer os desafios enfrentados desde a antiguidade até os dias atuais por essas pessoas, bem como conhecer suas vivências nos leva a entender como os mesmos levam suas vidas em uma realidade predominantemente ouvinte.

Assim conhecendo a realidade vivenciada por surdos, aceitando e respeitando sua língua materna, fica mais fácil não apenas a

comunicação, mas também como professora a busca por metodologias que se enquadrem dentro da realidade dos mesmos. Contudo, podendo assim através de minha prática pedagógica contribuir de modo que o surdo possa vir a construir sua aprendizagem de forma significativa, com isso o mesmo poderá levar esse saber para sua vivência diária.

## REFERÊNCIAS

Bisol, C. A. ; Valentini, C. B. **Surdez e Deficiência Auditiva - qual a diferença? Objeto de Aprendizagem Incluir** – UCS/FAPERGS, 2011. Disponível em [http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA\\_SURDEZ\\_Surdez\\_X\\_Def\\_Audit\\_Texto.pdf](http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Surdez_X_Def_Audit_Texto.pdf). Acesso em 28 de fevereiro de 2018.

CARDOSO, Adriane Helena Alves; RODRIGUES, Karla Gomes; BACHION, Maria Márcia. **Percepção da pessoa com surdez severa e/ou profunda acerca do processo de comunicação durante seu atendimento de saúde**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 14, n. 4, p. 553-560, 2006.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado –Pessoa com surdez**. Formação continuada a distancia de professores para o Atendimento Educacional Especializado Pessoa com surdez- MEC; Brasília – DF, 2007.

DUARTE, Soraya Bianca Reis et al. Aspectos históricos e socioculturais da população surda. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 20, n. 4, 2013.

FIGUEIRA, Alexandre dos Santos. **Material de apoio para o aprendizado de LIBRAS**. São Paulo: Phorte, 2011.

FRANCO, Santoro; AMÉLIA, Maria. **Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações**. Educação e Pesquisa, v. 41, n. 3, 2015.

Freire, Paulo **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas,2008.

QUADROS, Ronice Muller. **Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão**. Ponto de Vista: revista de educação e processos inclusivos, n. 5, p. 81-111, 2003.

ZANATA, Eliana Marques et al. **Práticas pedagógicas inclusivas para alunos surdos numa perspectiva colaborativa**. 2004.